Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

RISCOS DE ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL E INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO ASSOCIADOS AO USO DE ANTICONCEPCIONAIS: Uma Revisão Integrativa

RISKS OF STROKE AND ACUTE MYOCARDIAL INFARCTION ASSOCIATED WITH CONTRACEPTIVE USE: An Integrative Review

Solange Rodrigues Ferreira
Discente do Curso Bacharelado em Farmácia do Centro Universitário Santa Maria – UNIFSM.
Email: geancarlosolange@gmail.com

Íris Costa e Sá Lima
Docente do Curso Bacharelado em Farmácia**do** Centro Universitário Santa Maria – UNIFSM.
Email: 000230@fsmead.edu.br

Francisca Sabrina Vieira Lima
Doutora em Farmacoquímica.
Docente do Curso Bacharelado em Farmácia do Centro Universitário Santa Maria – UNIFSM.
Email: sabrina@ltf.ufpb.br

José Guilherme Ferreira Marques Galvão
Doutor em Farmacologia de Produtos Naturais.
Docente do Curso Bacharelado em Farmácia do Centro Universitário Santa Maria – UNIFSM.
Email: 000676@fsmead.edu.br

Recebido: 15/05/2025 – Aceito:29/05/2025

RESUMO

Introdução: Os contraceptivos orais combinados (COCs) são amplamente reconhecidos como um dos métodos anticoncepcionais reversíveis mais eficazes e utilizados globalmente. O risco cardiovascular associado ao uso de COCs é ainda mais significativo em mulheres que apresentam fatores de risco adicionais, como tabagismo, hipertensão arterial, obesidade e enxaqueca. Esses fatores, quando combinados ao uso de contraceptivos hormonais, amplificam o risco de eventos adversos graves. **Objetivo:** Discorrer sobre a relação entre o uso de anticoncepcionais orais e os riscos de Acidente Vascular Cerebral (AVC) e Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) em mulheres. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Para responder à pergunta norteadora, foi realizada uma busca sistemática em bases de dados científicas que incluam

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

estudos relacionados ao tema. As bases escolhidas para a pesquisa foram a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Pubmed. Os critérios de busca envolveram o uso de descritores em português, combinados com o operador booleano AND para refinar os resultados. **Resultado e discussão:** Após análise de leituras exploratória e a aplicabilidade dos critérios pré-determinados de inclusão, está pesquisa constituem-se em 08 artigos científicos tais quais acolheram e comtemplaram a temática em questão, assim como, os critérios previamente estabelecidos. Os anticoncepcionais hormonais estão entre os métodos contraceptivos reversíveis mais eficientes, disponíveis e utilizados mundialmente. Embora o estrogênio seja atribuído ao risco de tromboembolismo venoso pelo seu uso frequente, possui desfechos benéficos na redução do risco de câncer ovariano e endometrial. **Conclusão:** Portanto, percebe-se que os contraceptivos hormonais interferem na homeostase do sistema cardiovascular e, por isso a importância de uma investigação anterior à prescrição de um anticoncepcional hormonal para a paciente, que leve em consideração seus riscos cardiovasculares individuais, como idade, presença de comorbidades, tabagismo e o histórico familiar.

Palavras-Chaves: Anticoncepcionais orais; Acidente Vascular Cerebral; Infarto Agudo do Miocárdio; Mulheres.

ABSTRACT

Introduction: Combined oral contraceptives (COCs) are widely recognized as one of the most effective and widely used reversible contraceptive methods worldwide. The cardiovascular risk associated with the use of COCs is even more significant in women who have additional risk factors, such as smoking, high blood pressure, obesity, and migraine. These factors, when combined with the use of hormonal contraceptives, amplify the risk of serious adverse events. **Objective:** To discuss the relationship between the use of oral contraceptives and the risks of stroke and

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

acute myocardial infarction (AMI) in women. **Methodology:** This study is an integrative review of the literature. To answer the guiding question, a systematic search was carried out in scientific databases that included studies related to the topic. The databases chosen for the research were the Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS) and the Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) and Pubmed. The search criteria involved the use of descriptors in Portuguese, combined with the Boolean operator AND to refine the results. **Results and discussion:** After an exploratory analysis of readings and the applicability of the predetermined inclusion criteria, this research consisted of 08 scientific articles that accepted and contemplated the theme in question, as well as the previously established criteria. Hormonal contraceptives are among the most efficient reversible contraceptive methods available and used worldwide. Although estrogen is attributed to the risk of venous thromboembolism due to its frequent use, it has beneficial outcomes in reducing the risk of ovarian and endometrial cancer. **Conclusion:** Therefore, it is clear that hormonal contraceptives interfere with the homeostasis of the cardiovascular system and, therefore, the importance of an investigation prior to prescribing a hormonal contraceptive for the patient, which takes into account her individual cardiovascular risks, such as age, presence of comorbidities, smoking and family history.

Keywords: Oral contraceptives; Stroke; Acute Myocardial Infarction; Women.

INTRODUÇÃO

Os contraceptivos orais combinados (COCs) são amplamente reconhecidos como um dos métodos anticoncepcionais reversíveis mais eficazes e utilizados globalmente. Aproximadamente 60% das mulheres em idade reprodutiva recorrem a algum tipo de método contraceptivo, sendo que, no Brasil, essa prevalência atinge 70%. Entre os métodos mais comuns estão os anticoncepcionais orais

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

(ACO) e a esterilização feminina, com os ACO sendo utilizados por cerca de 23% das mulheres brasileiras (Marianoa et al., 2016).

Uma das principais vantagens dos COCs é a praticidade de uso, que, quando seguidos de forma correta e contínua, oferece às mulheres um controle altamente eficaz e seguro sobre sua fertilidade. Esses medicamentos combinam estrogênio e progesterona para inibir a atividade ovariana, suprimindo a ovulação. Adicionalmente, os hormônios contidos nos COCs alteram o muco cervical, tornando-o mais espesso e dificultando a penetração dos espermatozoides, além de modificar o endométrio, reduzindo a probabilidade de implantação de um óvulo fecundado. Essas ações, em conjunto, resultam em uma significativa redução das chances de gravidez (Ferreira et al., 2019).

Apesar desses benefícios, os COCs estão associados a efeitos adversos, especialmente no sistema cardiovascular. Estudos demonstram que os hormônios presentes nos ACO podem aumentar o risco de trombose venosa profunda (TVP), infarto agudo do miocárdio (IAM) e acidente vascular cerebral (AVC). Os vasos sanguíneos possuem receptores para estrogênio e progesterona em suas diversas camadas, que, ao serem ativados, elevam a propensão à coagulação sanguínea. Esse efeito ocorre por meio do aumento de fatores de coagulação, como a protrombina, e pela promoção de alterações endoteliais que favorecem eventos tromboembólicos (FEBRASGO, 2016). Além disso, o estrogênio pode atuar diretamente na parede vascular, contribuindo para disfunções endoteliais e aumentando a susceptibilidade a eventos como o AVC (Pinheiro et al., 2023).

O risco cardiovascular associado ao uso de COCs é ainda mais significativo em mulheres que apresentam fatores de risco adicionais, como tabagismo, hipertensão arterial, obesidade e enxaqueca. Esses fatores, quando combinados ao uso de contraceptivos hormonais, amplificam o risco de eventos adversos graves. Reconhecendo esses perigos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece critérios rigorosos de elegibilidade para o uso de ACO, recomendando que a prescrição desse método seja feita com cautela em mulheres com condições clínicas específicas (Lima et al., 2017).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

Portanto, embora os COCs sejam amplamente utilizados e ofereçam benefícios consideráveis no planejamento familiar, é imprescindível avaliar cuidadosamente os potenciais riscos cardiovasculares associados ao seu uso. Uma abordagem individualizada, baseada nos critérios de segurança estabelecidos por órgãos reguladores, é essencial para minimizar riscos e maximizar os benefícios desse método contraceptivo. Dessa forma, é possível garantir um uso responsável e seguro, contribuindo para a saúde e bem-estar das mulheres.

O objetivo do trabalho é discorrer sobre a relação entre o uso de anticoncepcionais orais e os riscos de Acidente Vascular Cerebral (AVC) e Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) em mulheres.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de reunir e sintetizar o conhecimento científico já disponível sobre uma temática específica e delimitada. Esse tipo de revisão segue um rigoroso modelo metodológico, que inclui a elaboração de uma pergunta norteadora, a definição de critérios de elegibilidade, como descritores e critérios de inclusão e exclusão, a busca sistemática de estudos em bases de dados científicas, bem como a avaliação e interpretação dos dados encontrados nos estudos selecionados (MENDES, SILVEIRA, GALVÃO, 2008).

A questão norteadora deste estudo foi elaborada para guiar a pesquisa: *Qual a relação entre o uso de anticoncepcionais orais e os riscos de Acidente Vascular Cerebral (AVC) e Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) em mulheres?* Essa pergunta busca direcionar a seleção de estudos relevantes que permitam compreender melhor os possíveis impactos do uso de anticoncepcionais hormonais sobre a saúde cardiovascular feminina.

Para responder à pergunta norteadora, foi realizada uma busca sistemática em bases de dados científicas que incluam estudos relacionados ao tema. As bases escolhidas para a pesquisa foram a Literatura Latino-Americana e do Caribe em

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

Ciências da Saúde (LILACS) e a Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Pubmed.

Os critérios de busca envolveram o uso de descritores em português, como “Anticoncepcionais orais”, “Acidente Vascular Cerebral”, “Infarto Agudo do Miocárdio” e “Mulheres”, combinados com o operador booleano AND para refinar os resultados. Esses descritores foram selecionados com base nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), garantindo a padronização e a relevância dos termos utilizados.

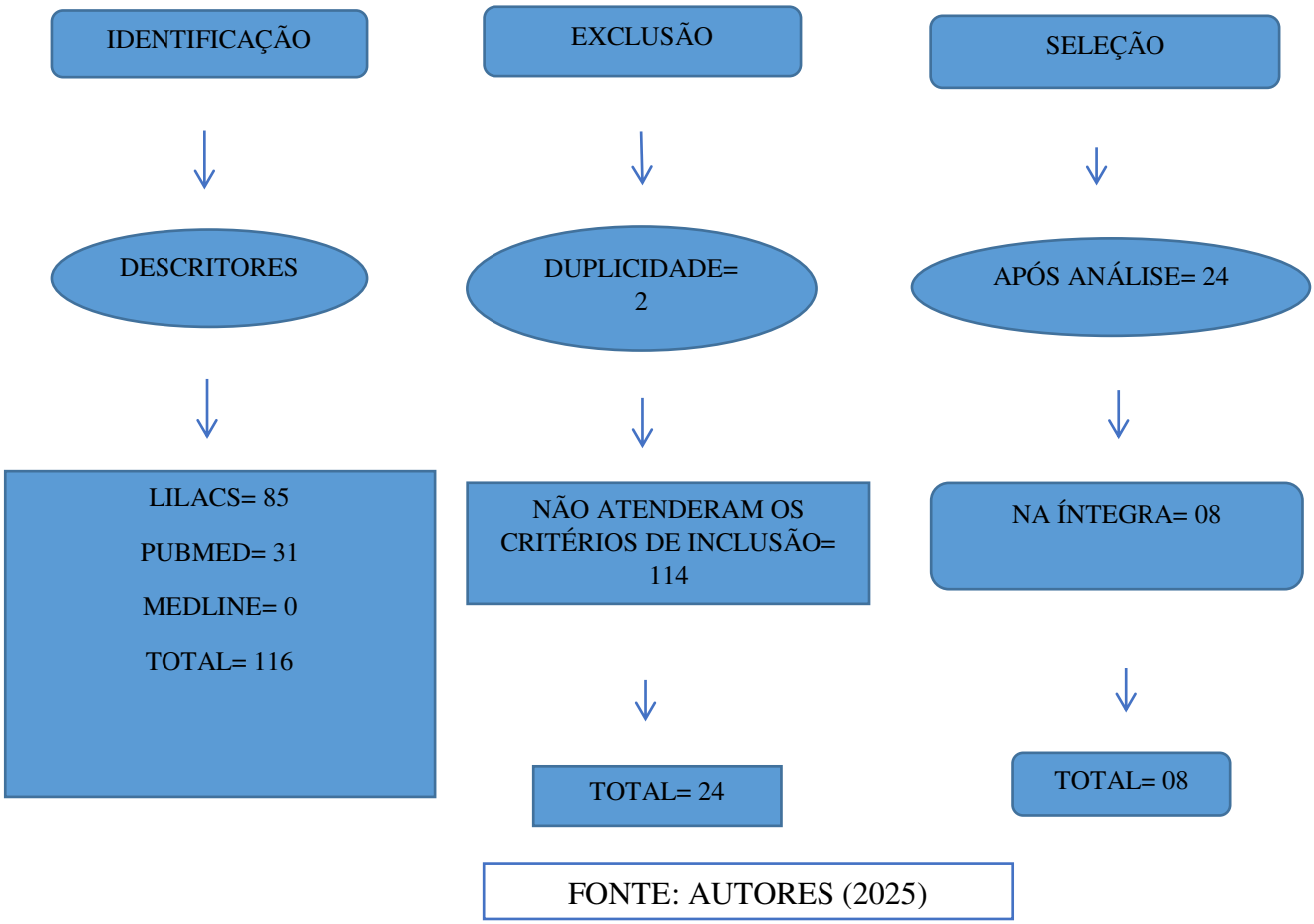
Os critérios de inclusão estabelecidos incluem estudos e artigos completos, disponíveis na íntegra, que abordem diretamente a temática proposta, publicados nos últimos cinco anos e redigidos em português ou inglês. Por outro lado, serão excluídos artigos indisponíveis na íntegra, revisões integrativas, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso.

Essa abordagem metodológica permitirá selecionar e analisar estudos relevantes, fornecendo uma base sólida para explorar a relação entre o uso de anticoncepcionais hormonais e os riscos cardiovasculares em mulheres, contribuindo para um melhor entendimento e para a prática clínica baseada em evidências.

Por intermédio dos DeCS, foram identificados 116 artigos científicos dos quais dois foram excluídos por duplicidade, destes após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão restaram-se apenas 114 os quais atendiam aos critérios pré-estabelecidos deste estudo em questão. Atendendo minuciosamente a leitura do material foram excluídos mais 90 artigos por não demonstrarem relevância mediante presente estudo, restando assim, 24 artigos para compor e sintetizarem a pesquisa. Portanto a presente revisão é composta por 08 artigos científicos. Na figura 1, foi está disposto o fluxograma da pesquisa onde apresenta a ordem respectivamente utilizada.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

Figura 1. Fluxograma metodológico da pesquisa.



FONTE: AUTORES (2025)

SETEMBRO DE 2021 A DEZEMBRO DE 2021

Logo adiante, foi realizada a disposição dos dados obtidos, que através dos quadros apresentará os resultados de forma concisa e completa. Finalizando, será realizada a discussão e apresentada a síntese de revisão. Importante dizer que essa pesquisa não envolve seres humanos, sendo assim, não foi sujeita á aprovação do comitê de ética e pesquisa (CEP). Toda via, os artigos selecionados estão devidamente referenciados, reputando a originalidade e direitos dos autores.

RESULTADOS

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

Após análise de leituras exploratória e a aplicabilidade dos critérios pré-determinados de inclusão, está pesquisa constituem-se em 08 artigos científicos tais quais acolheram e comtemplaram a temática em questão, assim como, os critérios previamente estabelecidos. No quadro 1, anexado abaixo, são expostos os artigos alcançados em concordância com a proposta do estudo. Os conhecimentos indexados a seguir foram selecionados e organizados de acordo com: autores, ano de publicação, título e objetivo.

Quadro 1 – Ordenamento dos artigos que contemplam o estudo, diante os Autores, Ano de Publicação, Título e Objetivo.

AUTOR/ ANO	**TÍTULO**	**OBJETIVO**
Pinheiro et al., 2023	O uso de contraceptivos orais associados ao desenvolvimento de acidente vascular encefálico (AVE): revisão sistemática	Verificar a associação entre o uso de contraceptivos orais e o risco acidente vascular encefálico (AVE).
StellaL et al., 2025	Contraceptivos hormonais e os riscos cardiovasculares em mulheres	Elucidar a relação entre o aumento do risco cardiovascular associado ao uso de contraceptivos hormonais.
Santos et al., 2021	Os anticoncepcionais orais como fator de risco	Revisar e analisar a relação da anticoncepção hormonal como fator de risco cardiovascular.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

	cardiovascular: uma revisão narrativa	
Caires, et al., 2024	Prevalência do infarto agudo do miocárdio em mulheres e fatores de risco associados	analisar os fatores de risco associados ao infarto agudo do miocárdio em mulheres.
de Carvalhoet al., 2024	A influência das pílulas anticoncepcionais na pressão arterial: uma revisão integrativa	Reunir as evidências epidemiológicas sobre a associação do uso de ACOs e a hipertensão arterial, explorando os mecanismos fisiopatológicos subjacentes.
Costa, 2017.	Risco de trombose associado à terapia dos anticoncepcionais hormonais: uma revisão de literatura	Reunir informações técnicocientíficas sobre a terapia com anticoncepcionais hormonais e os mecanismos envolvidos na sua associação com o risco de tromboembolismo venoso, bem como considerações acerca do seu tratamento.
Ferreira, et al., 2022	Atenção farmacêutica na prevenção dos riscos e efeitos colaterais do uso de anticoncepcionais	Descrever a atenção farmacêutica na prevenção de riscos e efeitos colaterais do uso de contraceptivos hormonais.
Magalhães et al., 2022	Anticoncepcionais Hormonais Orais e Risco de Trombose	Propôs a analisar a possível associação causa-efeito edose-efeito entre o uso desses medicamentos e o desenvolvimento des-ta condição

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

	Venosa Profunda	clínica, de forma a alertar a sociedade sobre os eventuaisriscos e estabelecer medidas profiláticas capazes de reduzir a incidên-cia deste desfecho e agregar qualidade de vida para as pacientes.

FONTE: Autores 2025

DISCUSSÃO

Os anticoncepcionais hormonais estão entre os métodos contraceptivos reversíveis mais eficientes, disponíveis e utilizados mundialmente. Embora o estrogênio seja atribuído ao risco de tromboembolismo venoso pelo seu uso frequente, possui desfechos benéficos na redução do risco de câncer ovariano e endometrial. A partir disso, apresentam-se em diversas formas e vias de administração, as quais serão abordadas. (Pinheiro et al. 2023).

Os contraceptivos hormonais afetam os fatores de coagulação por meio de diferentes mecanismos, sendo que o etinilestradiol desempenha papel central ao aumentar fatores pró-coagulantes, como fibrinogênio e fator VIIa, e ao reduzir inibidores naturais da coagulação, como a proteína S e a antitrombina. Esses efeitos levam a um estado de hipercoagulabilidade, que é dose-dependente, com doses mais altas, associadas a maior risco de trombose venosa (TEV). Além disso, o tipo de progestágeno combinado ao etinilestradiol também influencia o risco de TEV (Caires et al., 2024).

Segundo estudos de Stellal (2025), progestágenos de terceira geração, como desogestrel e gestodeno, estão associados a maior resistência à proteína C ativada, maior elevação de fatores de coagulação e menores níveis de anticoagulantes naturais, o que resulta em um risco aumentado de trombose venosa em comparação aos de segunda geração, como o levonorgestrel, que possui propriedades mais androgênicas e menor impacto pró coagulante. Quando utilizados isoladamente, os progestágenos apresentam impacto mínimo

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

no sistema de coagulação e fibrinólise tornando-se opções seguras para mulheres com maior risco de trambose.

Logo, os contraceptivos hormonais, particularmente os que contém etinilestradiol, estão associados ao aumento do risco de trombose venosa profunda e embolia pulmonar. Esse risco está relacionado à dose de etinilestradiol e ao tipo de progestina combinada. Estudos mostram que doses maiores de etinilestradiol apresentam risco elevado de trambose venosa, enquanto doses menores, como 20-30 µg, apresentam menor risco, embora ainda significativo. Outras progestinas, como gestodeno (GSD) e desogestrel (DSG), apresentam menor potência androgênica, reduzindo menos o risco de trambose venosa induzido por etinilestradiol (Bhullar et al., 2024).

Toda forma de contraceptivo tem diferenças de riscos conforme os tipos de progesterona e estrogênio que contém, porém, essa diferença é ainda mais acentuada e perceptível quando comparamos os combinados com os progestágenos isolados. Em relação aos contraceptivos de progestogênio isolado apresentam muito pouco impactono sistema de coagulação e seus efeitos no fluxo sanguíneo e na contratilidade das paredes dos vasos são muito limitados (Ferreira et al., 2019).

A idade, a presença de comorbidades e o histórico familiar de doenças cardiovasculares são fatores que influenciam o risco cardiovascular em usuárias de contraceptivos hormonais. Mulheres jovens, abaixo dos 35 anos, apresentam baixo risco cardiovascular, porém na presença de fatores predisponentes como obesidade e trombofilias, o risco de eventos trombóticos aumenta relativamente com o uso dos contraceptivos hormonais. Além disso, em mulheres acima dos 35 anos o risco cardiovascular aumenta especialmente se associado ao tabagismo, possuindo também maior probabilidade de TEV, IAM e AVC. Isso ocorre, pois, em idades avançadas ocorrem alterações metabólicas naturais, por isso, métodos com apenas progestágenos ou não hormonais são preferidos (Fabrunmi et al., 2023).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

Atualmente, sabe se que o risco aumentado de AVC isquêmico em usuárias de contraceptivos hormonais está relacionado a todos os mecanismos supracitados, pois eles favorecem a formação de trombos que podem sofrer embolização, levando o êmbolo a se alojar na circulação sanguínea cerebral, o que gera a patologia em questão. Além das alterações trombogênicas, vale ressaltar que alterações endoteliais que resultam em quadros de vaso espasmo e proliferação vascular anormal, favorecendo o aparecimento de hipertensão arterial sistêmica e aterosclerose, ambos fatores de risco importantes para o AVC isquêmico e hemorrágico. Em última instância, é importante mencionar que alguns estudos defendem que os progestagênios de terceira geração (gestodeno/desogestrel) estão associados a um risco maior de desenvolvimento de AVC e de trombose venosa quando comparados aos de segunda geração(De Carvalho et al., 2024) .

Segundo o estudo de Correia (2021), uma alternativa para a contracepção de mulheres com risco de fenômenos trombomebólicos elevado consiste no uso de métodos anticoncepcionais não hormonais, como o dispositivo intra-uterino de cobre, diafragma, capuz cervical, preservativos ou esterilização, visto que esses métodos contraceptivos aparesentemente não aumentam o risco de tromboembolismo pulmonar.

De forma geral, o risco de ocorrência de AVC em usuárias de contraceptivos hormonais sistêmicos depende dos fatores de risco cerebrovasculares que essas mulheres já apresentavam ou desenvolveram ao longo do uso do medicamento. Tais fatores incluem enxaqueca com aura, tabagismo, hipertensão arterial sistêmica, hipercolesterolemia, obesidade e sedentarismo (Oliveia et al., 2021).

O estudo de Farley TMM, et al. (1998) relata que mulheres portadoras de hipertensão arterial que utilizam contraceptivos orais combinados possuem mortalidade cardiovascular substancialmente maior que as não usuárias desses medicamentos, o que reforçado pelos estudos mais atuais sobre o tema. Vale ressaltar que esse risco de mortalidade aumenta substancialmente se a mulher

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

apresentar idade entre 40 e 44 anos, devido aos fatores de risco adicionais que grande parte das usuárias apresenta nessa faixa etária (Trinh et al., 2023).

Como esse risco está predominantemente associado à presença de etinilestradiol nos contraceptivos hormonais, a Federação Europeia de Cefaleias recomenda que mulheres portadoras de enxaqueca com aura que estejam à procura de métodos contraceptivos deem preferência aos métodos não hormonais, como dispositivos intrauterinos de cobre e preservativos, ou a contraceptivos à base exclusivamente de progestagênios (Santos et al., 2021).

Existem evidências, inclusive, de que o uso de pílulas compostas apenas por progestagênios reduz a frequência, intensidade dos sintomas e necessidade de uso de analgésicos em pacientes com enxaqueca, o que as torna mais preferíveis. É importante ter em mente que, como apontado na revisão de Ferreira (2022), doses baixas de estrogênio em pacientes com enxaqueca já são suficientes para aumentar do risco de AVC isquêmico, ou seja, o uso de contraceptivos hormonais combinados não aparenta ser uma boa opção para esse perfil de paciente, mesmo os com doses estrogênicas reduzidas. Ainda segundo dados desse estudo, observa-se um risco de AVC isquêmico ainda mais elevado em usuárias do contraceptivo com idade entre 35 e 49 anos, em tabagistas e em mulheres nas quais os episódios de migrânea forem frequentes (Febrasgo et al., 2016).

Vantagens da contracepção hormonal Embora aumente o risco de fenômenos tromboembólicos, pode acarretar diversos benefícios para a população feminina, superando, inclusive, os possíveis malefícios advindos do uso deste método contraceptivo. Dentre tais benefícios pode-se destacar a preservação da densidade mineral óssea, redução dos sintomas da asma, prevenção contra hiperplasia endometrial, prevenção contra câncer de cólon/ reto e redução da incidência de doenças benignas da mama. O benefício mais importante dos contraceptivos hormonais, no entanto, é a redução do risco de desenvolvimento de câncer de ovário. Alguns apontam que a redução desse tipo de câncer seja resultado da capacidade desses contraceptivos de promover a supressão da

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

ovulação, o que diminui a lesão do epitélio de superfície do ovário (Magalhães et al., 2021).

O uso de contraceptivos orais está relacionado a tromboses arteriais que, por sua vez, podem cursar com IAM. Esse efeito colateral pode ter maior ou menor risco a depender da geração do medicamento. Devido aos relatos de trombose coronariana associada ao uso de contraceptivos orais hormonais,foram realizadas modificações nas formulações visando mitigar esse impacto. Os ACOs de terceira geração têm efeito positivo no perfil lipídico (aumento do HDL) e, por isso, protegem contra o infarto domiocárdio (Oliveira et al., 2021)

O risco geral de trombose arterial é 1,6x maior em mulheres que fazem uso de contraceptivos orais. O risco não variou dependendo do tipo de progestágeno, entretanto descobriu-se que era 2x maior em mulheres que fazemuso com doses mais altas de estrogênio. Dessa maneira, ao longo do tempo os contraceptivos orais foram tendo a dosagem de estrogênio diminuída a fim de diminuir as complicações trombóticas.Os anticoncepcionais orais de terceira geração têm menor quantidade de estrogênio, fato que diminui o risco de trombose. Dessa forma, contraceptivos exclusivos de progestágeno foram considerados seguros, pois o estrógeno componente dos contraceptivos orais combinados é o responsável por alterações trombogênicas e pelas alterações em fatores de coagulaçãoque favorecema formação de trombose e a possibilidade de desencadear um IAM (Aslan et al., 2016).

Há na literatura relatos de IAM em mulheres jovens e sem fatores de risco apenas em uso de ACO de baixas dosagens de estrogênio. Nesse contexto, é essencial avaliar os riscos cardiovasculares inerentes daquela mulher e se estes quando combinados ao uso de contraceptivos hormonais combinados podem levar a um evento como IAM, sendo essencial analisar e monitorar cada paciente ((Bertolami et al., 2018).

CONCLUSÃO

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

Portanto, percebe-se que os contraceptivos hormonais interferem na homeostase do sistema cardiovascular e, por isso a importância de uma investigação anterior à prescrição de um anticoncepcional hormonal para a paciente, que leve em consideração seus riscos cardiovasculares individuais, como idade, presença de comorbidades, tabagismo e o histórico familiar. Isso para que se evite o aumento do risco do desenvolvimento de doenças cardiovasculares, principalmente em relação às pílulas combinadas que afetam o sistema cardiocirculatório mais intensamente. Dessa forma, é necessário um constante acompanhamento da população exposta, ampliando de forma progressiva os conhecimentos acerca dos efeitos adversos e dos riscos potencializados pelo uso desses contraceptivos. Ademais, é crucial que ocorra a conscientizaçãoacerca da automedicação potencialmente perigosa no uso dos anticoncepcionais hormonais;

REFERÊNCIAS

Aslan NA, et al. Low-dose combined oral contraceptives induced acute myocardial infarction. European Journal of Contraception & Reproductive Health Care, 2016; 21(6): 499-501

Bertolami MC. Warning against low-density lipoprotein oxidation in users of oral combined contraceptives. Arquivos brasileiros de cardiologia, 2018, 111(6): 771–771.

Bhullar SK, et al. Oral hormonal contraceptives and cardiovascular risks in females. Canadian Journal of Physiology and Pharmacology, 2024; 102: 572–584.

Caires, Osmar Monteiro Rodrigues, et al. "Prevalência do infarto agudo do miocárdio em mulheres e fatores de risco associados." *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences* 6.8 (2024): 1361-1372.

Costa, Bagnólia Araújo. "Risco de trombose associado à terapia dos anticoncepcionais hormonais: uma revisão de literatura." (2017).

Corrêa, D. A. S.; FELISBINO-MENDES, M. S.; MENDES, M. S.; MALTA, D. C.; MELENDEZ, G. V. Fatores associados ao uso contraindicado de contraceptivos orais no Brasil. Revista de Saúde Pública, v. 51, 2017. Disponível em: https://scielosp.org/pdf/rsp/2017.v51/1/pt.

Correia P, et al. Ischemic stroke on hormonal contraceptives: Characteristics, mechanisms and outcome. European Stroke Journal, 2021; 6(2): 205–212.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4079

De Carvalho, Rafaela Glerean, et al. "A INFLUÊNCIA DAS PÍLULAS ANTICONCEPCIONAIS NA PRESSÃO ARTERIAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA." *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação* 10.8 (2024): 3258-3266.

Ferreira, L. F.; D'ÁVILA, A. M. F. C.; SAFATLE, G. C. B. O uso da pílula anticoncepcional e as alterações das principais vias metabólicas. Femina, v. 47, n. 7, p. 426-432, 2019.

Ferreira, Nathalia Nascimento Bezerra, and Leonardo Guimarães De Andrade. "Atenção farmacêutica na prevenção dos riscos e efeitos colaterais do uso de anticoncepcionais." *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação* 8.2 (2022): 839-847.

Febrasgo. Tromboembolismo venoso e contraceptivos hormonais combinados. Série orientações e recomendações. São Paulo: FEBRASGO, 2016. v. 4, n. 1.

Fabunmi OA, et al. Investigating cardiovascular risk in premenopausal women on oral contraceptives: Systematic review with meta-analysis. Frontiers in Cardiovascular Medicine, 2023; 10:1127104.

Lima, A. C. S.; MARTINS, L. C. G.; LOPES, M. V. O. et al. Influence of hormonal contraceptives and the occurrence of stroke: integrative review. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 70, n. 3, 2017.

Mariano, G. Z.; SCHMIDT, M. M.; MATURANA, M. A.; QUEVEDO, E.; NEGRI, B.; GAZETA, C.; QUADROS, A. S.; GOTTSCHALL, C. A. M. Impacto do uso de anticoncepcional oral nas características e na evolução clínica de mulheres submetidas à intervenção coronariana percutânea primária. Revista Brasileira de Cardiologia Invasiva, v. 23, n. 3, p. 190-194, 2015.

Magalhães, Giovana Carvalho Monnerat, et al. "Anticoncepcionais Hormonais Orais e Risco de Trombose Venosa Profunda." *ACTA MSM-Periódico da EMSM* 9.3 (2022): 95-95.

Mendes, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.S.; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto e Contexto Enf. v. 17, n. 4, 2008.

Oliveira RPC, TREVISAN M. O anticoncepcional hormonal via oral e seus efeitos colaterais para as mulheres. Revista Artigos. Com, 2021; 28: e7507.

Pinheiro, B. M. dos S.; BARBOSA, M. P. de S.; SOUZA, M. R. de; AMARAL, R. C. do; ALMEIDA, A. C. G. de; BRITO, M. A. M. O uso de contraceptivos orais associados ao desenvolvimento de acidente vascular encefálico (AVE): revisão sistemática. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 12765-12780, maio/jun., 2023.

SantosT. M. dos, MenezesM. de M. C. de, FernandesM. P., NadaisG. L., GomesM. F. de A., SilvaS. C. F. P. da, DantasR. F. de A., CanoM. E. B., & LopesB. A. (2021). Os anticoncepcionais orais como fator de risco cardiovascular: uma revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, *13*(9), e8592

StellaL. G., BarcarolC. L., CagolE., CasaG. M., LucianoG. H., SantosI. B. dos, BertolettiS. V., SebbenV. B., CabedaR., & AlvesG. C. S. (2025). Contraceptivos hormonais e os riscos cardiovasculares em mulheres. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, *25*, e19838. https://doi.org/10.25248/reac.e19838.2025

TRINH A, et al. Contraception and Cardiovascular Effects: What Should the Cardiologist Know? Women and cardiovascular health, 2023; 25: 1489 –1498.